ANO 3.º LISBOA--SABADO, 3 DE NOVEMBRO DE 1923 N.º 791

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.-End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

O SR. dr. Afonso Costa que a politica traz a Lisboa—onde, aliás, devia vir depressa, pois está prestes a ser avô pela terceira vez—acha-se na disposição de constituir um governo, com inteira liberdade, para poder iniciar com exito a magna obra da nossa reconstituição financeira.

Apesar de se dizer que o não anima qualquer simpatia pelos partidos, informam-nos de que não é assim.

Pensa em escolher um grupo de colaboradores, uns dentro, outros fóra da actividade partidaria, aos quais exporá os seus pontos de vista, para depois, combinadamente, acertadamente, abordarem os problemas capitais da nossa crise.

Caso lhe recusem o concurso desinteressado do seu saber e da sua experiencia, declinará a missão que lhe foi confiada pelo sr. presidente da Republica, revertendo aos seus negocios particulares, aguardando, porventura, melhor oportunidade para intervir no governo do país.

Tambem nos garantem que ele não alimenta propositos de ditador, querendo que o parlamento o auxilie na execução do seu programa.

Velho adversario de ditaduras não deseja renegar o seu passado.

A legalidade constitucional parece-lhe absolutamente indispensavel para que a sua obra tenha um cunho bem patriotico e nacional.

Um seu grande amigo disse-nos hoje:

—«Ele chega com as melhores intenções, sem outro intuito que não seja governar a serio.

E' necessario, porêm, dar tempo ao tempo. Os males de que sofremos não se curam em vinte e quatro horas. Se alguem julga que, só com a sua simples presença, ele modificará os erros e incurias da nossa politica, engana-se redondamente.

Muito fará ele, se conseguir, logo de entrada, desviar o curso dos acontecimentos, a caminho duma catastrofe. Bom será que a critica modere um tanto os seus juizos, dando-lhe margem para trabalhar em paz».

* * *

O NOVO livro de Bento Carqueja, o autor ilustre da obra *Povo Português*, director do *Comercio do Porto*, intitula-se *Sol da Meia Noite*. Relata as suas impressões de viajante, na Suecia. A sua leitura, ao mesmo tempo instrutiva e recreativa, não pode deixar de prender a atenção de todos os que, estudando os povos estrangeiros, pensam sempre nos progressos da nossa terra.

A edição honra as oficinas do *Comercio do Porto*.

* * *

A LIVRARIA Aillaud pôs á venda um volume de versos, com o titulo de *Humildes*, cujo autor é Rosa Silvestre. A autora canta as coisas simples da aldeia—emoções suaves duma sensibilidade que cristãmente oferece a Deus os rosmaninhos que a terra dá.

* * *

PELO ministerio do Comercio foi louvado o sr. Carlos Pereira que tão acertadas providencias tomou para que, por causa da prolongada estiagem, não faltasse a agua em Lisboa, durante o verão.

* * *

SÓ hoje o *Diario do Governo* trouxe os decretos demitindo de Alto Comissario de Moçambique o sr. dr. Brito Camacho e nomeando para o mesmo cargo o sr. Azevedo Coutinho.

A concordia

Todos nós estamos de acordo em reconhecer que Portugal necessita dum governo que chame a si as dificeis questões que dão á nossa crise o aspecto embrulhado duma meada que alguns anos de deboche administrativo e politico tornaram inextrincavel.

Infelizmente, poucos são os portugueses que, alheios a paixões e a intrigas, dão uma parcela do seu esforço para que esta aspiração nacional se converta num facto.

Pondo de parte os que, como os corvos, têm interesse em que o país cheire a cadaver, existe ainda muita gente que, consciente ou inconscientemente, se empenha em criar um morno estado de desassocego que favorece os propositos patentes dos que aproveitam todos os pretextos para alargar a discordia no seio do povo.

Governar é hoje uma coisa complicada, porque, além da gravidade dos problemas, existe tambem da parte dos governados uma doentia irritação de opinião, a qual exerce tão ferozmente o seu direito de critica que não poupa ninguem, nem mesmo as dedicações mais provadas.

Destruir, converteu-se num prazer, até para a gente simples.

Admite-se sem dificuldade que os que trabalham para a ruina do existente lutem sem descanço pela realisação dos seus intentos.

Como se explica, porém, que criaturas que dizem ser a ordem publica uma condição absolutamente necessaria para o nosso resurgimento, com a sua cobardia, com o seu silencio, quando não com o seu apoio decidido e franco, auxiliem os que prosseguem fins contrarios?

E' evidente que nós necessitamos que, á testa da governação, estejam homens probos, experientes e acima de qualquer macula...

Requere-se, no entanto, que não nos deixemos absorver pelo espirito de seita, a ponto de lhe sacrificarmos o exito dos varões exemplares.

A intriga exerce, entre nós, a acção corrosiva duma lepra.

Porque não reagem contra ela os animos sinceros e generosos?

Custa-nos ter de apontar esta contradição: ao mesmo tempo que, voltados para as alturas do poder, pedimos um governo que, sem transigencias, nos liberte da desgraçada situação em que nos debatemos, não duvidamos colaborar na obra derruidora dos que submetem á mesma razoira os homens de valor e os imbecis.

NO TEJO

—Não atraques que temos peste a bordo... somos «sovietistas».
—Não faz mal; dessa «peste» tambem cá ha...

O DR. Ox recomenda aos artriticos que comam maçãs, muitas maçãs, porque só assim podem evitar a formação do acido urico.

Até as cascas sêcas, reduzidas a pó, se podem tomar com o mais saudavel efeito, na proporção de uma colher de sopa para uma chavena de agua a ferver.

Ainda ha pouços anos se recomendava aos artriticos que ingerissem limonadas. Os limões subiram de preço. Se com as maçãs se der o mesmo caso, os doentes concorrerão para o encarecimento das frutas.

Isto, porém, não será tido em conta, visto que o urodonal e outras especies farmaceuticas embaratecerão.

* * *

DESAPARECEU dum hotel de Paris, em circunstancias misteriosas que trazem intrigada a policia da capital francesa, uma senhora, uma espanhola riquissima que no proprio dia do extranho acontecimento havia chegado de San Sebastian com as malas atestadas de joias.

Ninguem foi capaz de lhe descobrir ainda o paradeiro, não obstante andarem numa dobadoura os mais habeis agentes da investigação. Só o que se sabe é que ela não se perdeu, não só porque conhece Paris como os dedos das suas mãos, mas ainda, e principalmente, porque uma mulher de tal maneira rica nunca póde ser uma mulher perdida.

* * *

É POSTO á venda, na proxima segunda-feira, um novo livro de Mendes de Brito, intitulado *Três livros de Americo Durão*. Dele transcrevemos o seguinte periodo:

—«Nos livros de Americo Durão, analisados com escrupulo e hombridade peculiares, vejo a sua seiva plena e argentada, a emoção incomparavel, o ritmo e a sobriedade da forma, o requinte de sensualismo e misticismo, espiritualidade calma, a dor resignada e hiératica...»

«E' preciso fixar este nome. No nucleo da neofita geração contemporanea, ele fará vultos e terá proselitos.»

* * *

OS editores das obras de Ibsen instituiram um premio de 300.000$, reservado aos escritores noruegueses e dinamarqueses. O vencedor foi Anker Larsen que, no meio de cincoenta concorrentes, viu escolhido o seu romance—*A Pedra Filosofal*. No seu entender a verdadeira pedra filosofal é a imensa necessidade de crêr, que existe no intimo de cada um de nós.

* * *

LUÍS de Freitas Branco, distinto professor e sub-director do Conservatorio Musical, notavel jornalista, publicou, depois de aprovado oficialmente, um livro—*Elementos de Sciencias Musicais* que se destina ao ensino artistico. A edição pertence á casa Sassetti & C.ª.

* * *

TEM sido muito visitada, no ultimos dias, a Sociedade Nacional de Belas Artes, onde se está realisando a interessante exposição de pintura, escultura e desenho dos *Cinco Independentes*.

* * *

FOI agraciada com o grau de oficial da Ordem da S. Tiago da Espada a actriz Ilda Stichini e com o grau de cavaleiro da mesma ordem o actor Henrique Alves.

Literatura

Uma carta

Do sr. Correia da Costa recebemos a seguinte carta, com o respectivo pedido de publicação.

Ex.mo sr. director:—Numa critica a um recente livro meu «Eça, Fialho e Aquilino», o ilustre escritor e meu amigo pessoal Carlos Selvagem acusa-me de ser altamente gongorico na apreciação dos citados grandes prosadores contemporaneos. E' a primeira e a unica vez que respondo a uma critica, porque reconheço que o critico e o escritor tem duas personalidades independentes. Carlos Selvagem quer-me fazer passar por um escritor que em vez de reflectir sobre a orientação psicologica ou estetica dos citados escritores apenas põe flores sobre a sua memoria ou sobre a sua admiração. Ora isto é altamente ilogico e incoherente, sobretudo neste meu caso.

No estudo sobre Eça postumo, ao criticar a evolução moral das «Lendas dos Santos» eu concluo que eles tiveram um simbolo social na interpretação do escritor. E qual é o critico contemporaneo que chegou á conclusão de que efectivamente as lendas tiveram um significado humano e social? Apenas eu. Todos os escritores que se teem referido a Eça de Queiroz, incluindo o ilustre critico sr. dr. Fidelino de Figueiredo, nem uma palavra dedicou sobre as «Lendas dos Santos», que são o mais terso, o mais vernaculo e o mais enternecidamente humano dos seus livros.

No Fialho, ou no estudo ácêrca do artista eleito do «País das Uvas», eu condeno, no ultimo capitulo, que Fialho era o mais surpreendente colorista da nossa prosa e que no seu regionalismo, só raramente humano, refletiu numa alta influencia dos modernos espanhois entre eles José Maria de Pereda concluo que a sua obra tem um significado subjectivo e que Fialho desordenado na sua consturção era um produto de incoherencia entre o motivo e a realização.

No estudo ácêrca de Aquilino esse «Mirbeau forrado de Bernardes» na frase-medalhão de Carlos Parreira eu afirmo pela unica vez em critico literaria que a paisagem beirã, tão conhecido do meu ilustre amigo sr. Carlos Selvagem, teem pelo convivio diario com os personagens dos seus romances, uma individualidade moral nitida, e que se harmonisa na admiravel prosa descritiva de Aquiline Ribeiro.

Onde está, pois, apenas o sentido laudatorio do meu livro se ele, pelo contrario, encerra pontos de vista criticos ineditos? E' por causa dessa incoerencia que eu venho a publico. A irenia de que o meu livro devia antes ter o sub-titulo «paginas de panegirico e de estilo», é altamente incoerente e tem a agravante de ser despida daquilo a que vulgarmente se chama bom-senso. Afirmar sem provas e passando por cima do que reputo de altamente original na critica contemporanea, que os meus ensaios nada adiantam á interpretação destes escritores, quando eu quiz provar o contrario, é o mesmo incoerente e futil desejo de afirmar por exemplo que Monis Barreto, Fidelino de Figueiredo, Teofilo Braga, Antonio Sergio e Henrique de Vilhena não puzeram o estilo ao serviço da sua indole critica. Espero num meaculpa que Carlos Selvagem reconheça que não fez mais do que um vôo de impressões fugidias sobre uma obra que eu reputo de alguma coisa nesta acefalia da geração nova que se estiola em clownismos de estilo ou em disparates imperdoaveis. Eu defendo a minha obra e acentuo que ela é alguma ccisa. Carlos Selvagem provará se quizer que ela é como este escritor insinua—apenas um ensaio de estilo sobre três escritores acêrca dos quais tudo está dito. Tudo não. Ou antes eu é que comecei a dizer alguma coisa de inedito sobre Eça, Fialho e Aquilino. Não é assim, Carlos Selvagem?

Agradecendo-lhe a publicação desta carta, creia-me com consideração, etc.—*Correia da Costa.*

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa

◂LYOL▸
(Topico oxygenado)
CURA:
FERIDAS—ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇOES DE PELE

FARMACIAS:
LISBOA—R. N. do Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

METE-SE PELOS OLHOS
A VANTAGEM DE COMPRAR

na
CASA DAS TESOURAS
51:51A RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA 53:55
PERES & ABRANTES, SUC.RES

CRONICA FINANCEIRA

Situação TRANSITORIA

A acção parlamentar

e os nossos dominios ultramarinos

Fechado o mês, é sempre util deitar os olhos para a nossa situação cambial nos ultimos trinta e um dias transcorridos.

Cambios durante o mês de Outubro de 1923

DIAS	COMPRA	VENDA
1	2—5/32	2—9/64
2	2—5/32	2—1/8
8	2—5/32	2—1/8
9	2—5/32	2—1/8
10	2—5/32	2—1/8
11	2—9/64	2—1/8
12	2—9/64	2—1/8
15	2—9/64	2—1/8
16	2—9/64	2—1/8
17	2—9/64	2—1/8
18	2—9/64	2—7/64
19	2—9/64	2—1/8
22	2—9/64	2—1/8
23	2—9/64	2—1/8
24	2—9/64	2—1/8
25	2—1/8	2—7/64
26	2—1/8	2—7/64
29	2—5/64	2—3/64
30	2—5/64	2—3/64
31	2—5/64	2—3/64

No interregno ministerial em que vimos vivendo ha uma semana, tambem, senão proveitoso, é logico abranger o retrospecto da acção legislativa durante a administração dos governos presididos pelo sr. Antonio Maria da Silva.

Muito dolorosamente ha que confessar-se: a acção parlamentar foi de simples oposição politica. Debateram-se propostas de finanças, falou-se, agitou-se, e a situação financeira do país não viu senão agravar-se, sem que lhe dessem ao menos o refrigerio duma esperança de melhoras. E' costume acusar-se o governo, seja ele qual fôr, e responsabilisá-lo pelos males do país. Pois parece-nos que desta feita—sem absolver os governos do sr. Antonio Maria da Silva nem os seus ministros das Finanças—ha que responsabilisar principalmente o poder legislativo.

Compreendemos que a angustiosa situação do país inspire veemencia aos debates parlamentares; compreendemos que os legisladores não queiram arcar com as responsabilidades de uma legislação arrancada pelo governo, precipitadamente, em nome das urgencias do tesouro; compreendemos as delongas que uma sincera ponderação de propostas, como as que o ultimo ministro das Finanças apresentou, e que se refiram a todo um sistema tributario, possa causar; compreendemos o rebuço das Camaras, o escrupulo, a demora em se esclarecer, a precisão de se documentar, de estudar o que se lhe propõe.

Mas não compreendemos que de um parlamento donde todas as sessões saem gritos de alarme, ás vezes agoirentos, não tenha saído ainda um plano de medidas que se destinem a valer á situação financeira.

A Camara não pode alegar desconhecimento da questão. A comissão de Finanças da Camara dos Deputados, no parecer apresentado na sessão de 12 outubro, disse claramente qual o *deficit* orçamental computado: 32 mil contos mensais, mais de 382 mil contos no ano economico.

A situação orçamental obriga a gastar cêrca de 1.247:653$00 contos, havendo apenas para fazer face a essa receita global: 707:617 contos.

Para que se nos não atribua intuitos, que nesta tribuna serena não poderiamos ter, vamos substituir os nossos comentarios pelos do proprio parecer da comissão de finanças, ou seja pelos comentarios de delegados e representantes dos proprios senhores deputados:

«A dura evidencia das realidades leva-nos a constatar que não é licito e honesto mantermo-nos por mais tempo nesta desequilibrada situação financeira, sem que corramos o risco de vermos perdida a segurança do Estado, e com ela o credito do país.»

Mais:

«E porque assim pensamos, afigura-se-nos ser demasiado imprudente persistirmos por mais tempo no erro, encobrindo toda a verdade que a delicadesa da situação presente encerra, bem evidenciada pela rudesa dos numeros atrás expostos.

Chegou por isso a hora dos sacrificios—afirmou, com uma nobre coragem, o sr. ministro das Finanças.

Mister se torna que todos os portugueses, sejam quais forem os seus credos ou partidos, e dentro das devidas possibilidades, se disponham a contribuir para a arrumação da nossa casa, que se encontra em verdadeiro desalinho desde que a defesa do Direito e os deveres de honra, impostos pelo cumprimento rigoroso dos tratados, nos conduziram aos pesados sacrificios que a comparticipação na grande guerra nos impôs, com todo o seu cortejo de encargos e privações.

E' aos portugueses e só a eles que cumpre realizar essa ardua tarefa, de arrumar a sua casa, que o mesmo é dizer, sanear as suas finanças, equilibrando o orçamento como base do restabelecimento do credito do país e do seu consequente regresso á normalidade economica.»

Se aí, nessas palavras, há o convite á valsa dos sacrificios do contribuinte, tambem há, traçado com vigoroso pincel impressionista, o quadro da situação do país, assinado pelos mais autorisados informadores que o poder legislativo podia exigir.

Não é logico que um parlamento ouça semelhante parecer da sua comissão de finanças, e que não trate de lhe responder com as medidas que o momento urgentemente reclama.

O que fará o novo governo?

Não sabemos.

Mas o que nos interessa é o que fará o parlamento, em colaboração com o novo governo.

Continuará essa politica negativa de oposição, sem realizar uma obra, sem encarar de frente a discussão e revisão da lei de meios?

Vai continuar *à la derive* a banca do tesouro?

Esperemos que não. Como esperamos que nada se faça que não seja debatido á luz do dia, ante o paiz, para que a dignidade do paiz seja e possa sempre ser defendida não só pelos governantes, mas pela propria sensibilidade colectiva, ciosa do prestigio nacional...

Remedio e recursos ha.

Apesar de tudo, temos ainda desembaraçado o nosso patrimonio ultramarino.

Com decisão e a visão do que valemos, no xadrez internacional, conscios da posição que ocupamos no mapa de Africa, não é impossivel tirarmos do nosso imperio colonial o proveito e os proventos bastantes para assegurar á metropole um futuro desafogado.

Assim haja sempre entre a administração ultramarina e a do continente uma comunidade de vistas, indispensavel a toda a politica nacional que não queira ver quebrado o fio da sua continuidade historica.

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

PAPEIS "RIBOLDA"
Para maquinas de escrever, segundas vias e de impressão para duplicadores.
OLIVER LIMITADA
Telef. N. 3158 ▪▪▪ RUA DA PRATA, 250, 2.º

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa da Louzã, D. Virginia Veiga de Araujo Raposo de Sousa Alte Espargosa, D. Carmen de Loureiro Mendes Correia, D. Helena Rolin Geraldes Barba, D. Maria do Carmo de Sequeira Manso Gomes Palma, D. Maria José Campelo de Azevedo e D. Emilia Zea Bermudes Calheiros.

E os srs.:

Carlos Pedro de Quintela (Farrobo), Francisco Mimoso Guedes Brandão de Melo e Alfredo Andresen da Costa.

—Passa hoje o aniversario natalicio da senhora D. Eugenia de Morais Sarmento Fernandes.

Casamentos

Na capela da quinta Nova da Assunção, em Belas, residencia da senhora D. Maria das Dores Veiga Rego David e do sr. João Carlos David, realizou-se ha dias sendo celebrante o reverendo Fiadeiro, prior de Santa Justa e Rufina, o casamento da sua gentil filha D. Maria da Assunção, com o sr. Antonio da Cunha Santos, filho da senhora D. Maria dos Santos Bernardes e do sr. Francisco dos Santos Bernardes.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos, tendo a mãe do noivo sido representada por sua filha a senhora D. Mariana Cunha Santos e de padrinhos os pais dos noivos, tendo o pai da noiva sido representado por seu filho o sr. Francisco Cunha Santos.

Sua Santidade dignou-se enviar a sua benção.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na sala de mesa, um finissimo «lunch» da «Garrett» seguindo depois os noivos para o norte onde foram passar a lua de mel, donde devem regressar ás suas propriedades em Torres Vedras.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará esta noite «rendez-vous» nas recitas da moda de São Luis e Apolo, em vista de ontem ter sido dia de finados, e no Nacional, inauguração da epoca de inverno, com a estreia da nova companhia de declamação subindo á scena em «reprise» a peça original do saudoso dramaturgo sr. D. João da Camara «Alcacer Kibir», e ámanhã de tarde no concerto do Politeama, e nas «matinées» de Salão Foz, Chiado Terrasse, Cinema Condes e Coliseu dos Recreios, e depois de ámanhã de tarde nas «matinées» do Salão Foz, e Chiado Terrasse e á noite no Coliseu dos Recreios, segunda recita da moda da actual companhia.

Em viagem

O sr. conde de Agueda, partiu Arrancada.

—Para as suas propriedades em Alferrarede, partiu o sr. conde de Calhariz.

—Com sua esposa, regressou da America, onde esteve de visita ao antigo ministro dos Estados Unidos em Lisboa, sr. coronel Birch, o sr. José Guilherme de Portugal.

—Regressou a Lisboa, com sua esposa a sr.ª D. Albertina Canongia Waddington, o sr. coronel Antonio Waddington.

—De Carnide regressou á sua casa em Portalegre, o sr. Severino Sant'Ana Marques.

—Da sua casa da Merceana regressaram, com seus filhos a Lisboa, os srs. viscondes da Merceana.

Felicitamos os nossos amigos J. A. Rijo & C.ª, pelo bom gosto e arte que revelaram na bela exposição de canetas «KAWECO» e lapiseiras «KO-MIO», que Lisboa inteira está admirando na sua elegante papelaria na rua da Prata, 150.

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonzeca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (diathermia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

VACINAS e SÓROS
DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA
Bacterina de Neisser
» » **Estafilococcica**
» » **Antimeningococcica**
» » **Acné**
» » **Estafilo-estreptococcica**
» » **Coli**
» » **Pyorrhéa, etc.**
Todos os sóros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas

SÓROS PARA VETERINARIA «MULFORD»
CONTRA A PESTE PORCINA

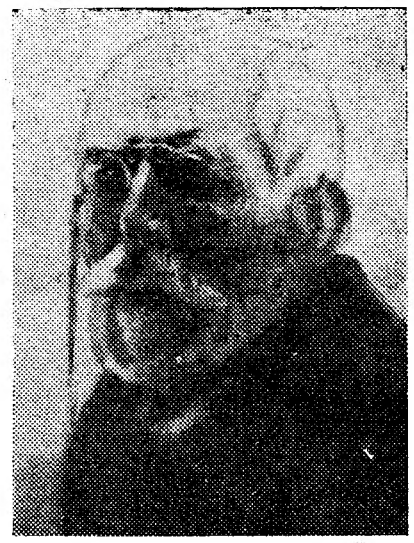
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

LIVROS NOVOS

"Santos de casa,,

por Henrique Lopes de Mendonça

Transcreve-se o conto intitulado "O galo,,



E' uma velhice gloriosa a de Henrique Lopes de Mendonça. Uma pena que se não cansa de florir prosa, de dar alma á raça; ontem, **Lanças n'Africa e Capa e Espada,** *hoje,* **Santos de Casa,** *ámanhã,* **Almas Penadas.**

Henrique Lopes de Mendonça triunfa da vida, espiritualisado nos seus livros, vivificando os lances ressequidos, pelo passado, da nossa historia, embarcando nas naus e varineis, em demanda de Ceuta, colhendo o vôo duma roza, que uma dona gentil e ruiva arremessou dum balcão, e seu enamorado esconde sob o justilho de seda; projectando Portugal ás cinco quinas do cruzeiro do Sul — cavaleiro, mareante, poeta, trovador, cronista que descende da estirpe gloriosa dos Fernão Lopes e Azuraras, conservando á lingua os seus velhos ritmos, mas dando-lhe a beleza e as azas que ela aaquiriu, atravez de oito secutos.

Santos de Casa *é uma ressurreição dos milagres dos nossos taumaturgos, dos nossos monges, das nossas freiras, narrados ingenuamente, como convem ao tema, por uma pena de oiro, rescendente de incenso, de maresia do Atlantico, do aroma das giestas.*

Tem lindos quadros de emoção, de religiosa asceze. E' um livro que reza de mãos postas á sombra dum vitral.

Santos de Casa, *na idade media, seria aquele livro que Palmeirim, levaria sobre o coração, e que, neste tempo de tristeza, é o mais belo ex-voto de esperança que se pode colocar no altar da Patria.*

Era branco, branco como a flor do espinheiro alvar, e talvez que o níveo da sua plumagem lhe aumentasse o arreganho. Com semelhante côr, era seguro ter em alguma das visceras, no figado ou na moela, a famosa pedra alectoria, de virtudes soberanas para varios propositos, e em particular para afugentar o leão. Verdade seja que a ausencia da tremenda fera nas paragens em que vivia, a modesta povoação da Azoia, ás abas de Santarem, não dava grande proveito á posse do magico seixo. Mas, á mingua de leões, não faltavam em terras portuguesas, nesses anos de graça de mil duzentos e tantos, alimarias bravias que puzessem á prova a eficacia do talisman. A todas elas, lôbos daninhos que dizimavam apriscos, ursos possantes que esmagavam arcabouços em abraços sinistros, javardos que estripavam feros alãos em fidalgas montarias, a todas elas afrontava intrepido o galo branco da Azoia, atirando ás focinheiras dos monstros as modulações do seu canto, heroico e soberbo como um péan da Hélada. Salvo melhor parecer de feiticeiros e nigromantes, é de crer que esta audacia lhe viesse mais de fortaleza no coração do que de pedra na figadeira.

Ora, naquela linda noite de primavera, serena e tepida, o galo, despertando a um sussurro estranho, desenconchou a cabeça de sob as asas, engalou-a a modo de garboso palafrém, e pôz-se á escuta. O sussurro continuava, como um marulhar continuo de floresta.

—Será restolhada de raposas? — preguntou ele á sua crista.

E como a crista não lhe respondesse, deliberou alancear a treva com seus proprios olhos, agudos como virotões de aceiro. Dito e feito. Deixando imersas em sono profundo as suas emplumadas odaliscas, saiu da capoeira rustica por uma abertura que ele secretamente preparara entre os caniços, na emergencia de qualquer assalto nocturno. Caminhou a rapidas passadas até ao muro de pedra ensossa que delimitava a almuinha de sua dona Ermezinda, e com um breve adejo empoleirou-se na cumieira. Daí, seus olhos abrangiam um horizonte assás vasto para um olhar galinaceo. Mas o que lhe chamou particularmente a atenção foi uma sebe fronteira, para a banda do poente, á distancia de uns trinta passos de homem, quando muito, coroada por uma halo alvacento e tauxiada de clarões, que se coavam pelos interstícios da ramagem. Na negrura silenciosa da noite, aquela claridade era como a exalação luminosa do murmurinho.

E o galo pensou inquieto:

—Querem ver que a alvorada surdiu hoje da banda oposta, para me pregar um lôgro? Valha-me Deus! que faltei ao dever de a anunciar ao mundo! Aquele rumorejo deve ser chilreada mansa de passaros que se anteciparam, grandes sonsos!

E, por sim e por não, o galito coleou a fôfa pescoceira, escancarou o bico e estrugiu os campos com um cucurico retininte.

Passados instantes, como não lhe acudisse retruque ao ouvido atento nem ao olhar manhoso, atravessou resoluto o espaço que medeava entre o muro e a sebe misteriosa, sentindo gradualmente definir-se o murmurio de vozes humanas, que de quando em quando engrossava em ondulações ritmicas, como de multidão que desse a replica á declaração de um corifeu.

Com o auxilio das asas e do bico forte, conseguiu trepar ás eminencias da sebe, e daí espraiou a vista sobre um espectaculo estranho.

Em redor de uma cruz tosca, chantada na dura gleba de um cómoro, aglomerava-se um magote compacto de camponios, e saias de valenciana, em samarras de pele aninia, em capas de burel e almáfega, de mistura com mulheres envoltas em mantas de ruão, em grossos zorames á mourisca, em garnachas felpudas. As cabeças, descobertas de sombreiros e capelos, conformavam-se com vigor num fundo de claridade rubescente, provinda de archotes ou fogaréus, que, por cima delas, mostravam a espaços a fimbria dansante das labaredas. E toda a atenção da turba se concentrava num monge de habito negro, que junto á cruz, arrimado a um bordão nodoso, ejaculava uma untuosa prédica, entremeada por um côro de cicladas rezas. A estatura do religioso, alta e delgada, estirava uma sombra esguia até á sebe onde pousava o galo, e o reverbero do fogo no seu amplo cercilho luzia como um resplendor de santidade.

O galo entendeu que devia intervir, naquele conciliabulo em que se saudava uma inesperada aurora. Concentrou as ganas fonéticas do gorgomilo, e, alçando a crista vermelha, expandiu-as num canto prolongado e vibrante, que sobressaltou a devota multidão, como escandalo diabolico, pois que o reflexo ardente das chamas lhe enrubescia a plumagem.

E emquanto as mãos se elevavam em precipitadas persignações, e as bocas se abriam em gritinhos apavorados: «O demonio! o demonio!» o bordão do frade, despedido por mão certeira, descrevia no espaço uma curva tremenda, e, encontrando na trajectoria a cabeça do galo, cortava as derradeiras modulações do seu hino triunfal.

O mofino penigero desabou exanime sobre a terra, e o seu corpo macio foi de improviso recolhido sob as dobras de um manto piedoso.

Ora é de saber que o predicante era mais do que um frade, porque era um santo. E tanto maior era a sua santidade, quanto mais abominavel havia sido em tempo a sua vida pecadora. Chamava-se ele no seculo Gil de Valadares, e por Frei Gil de Santarem o conheciam agora, conquanto seu berço fosse perto de Vizeu. De perversidades fôra cheia a sua juventude. Andara de gorra com eruditos demonios pelas covas de Toledo, e deles aprendera todas as maravilhas tenebrosas da magia e da cábala. Mergulhara a alma nos mais imundos lodaçais do vicio, e a Satanás doara, por formal contracto, essa conspurcada prenda. Mas a graça de Deus surgira, limpando-a de asquerosas cardinas e resgatando-a para o ceu. Desde então, alistado na milicia do santo patriarca Domingos, era ele quem por seu turno desencardia as almas pecadoras com a seráfica lixivia da sua doutrina. E aos milheiros se contavam as suas conquistas sobre o inferno, ás centenas os milagres obrados por sua intercessão.

Reapossado do bastão que lhe fôra instrumento de vindicta, Frei Gil prosseguiu, livre de importunos sonidos, a sua evangelica pratica.

Dizia ele como cada beneficio feito na terra ás criaturas mais humildes era um passo dado no caminho do paraiso, e como cada iniquidade praticada era um peso a mais que nos puxava para os abismos. E a voz do santo monge, firme e serena de começo, principiou a ter vacilações estranhas, como se a turvasse um lapso de memoria ou um rebate de consciencia. O rustico auditorio contemplava-o surpreso, e murmurados comentarios circulavam:

—Que tem o nosso bom monge?

—Deram-lhe acaso as maleitas?

—E' que está porventura escutando a voz dos anjos.

—Ou ordenhando o ceu para nos dar o leite divino.

E a oração do pregador continuava entrecortada, titubeante, esfrangalhada, confusa, até que estacou de vez ao contornar de um periodo, como desconjuntado plaustro a meio do curriculo. E todos viram o dominicano quedar-se extatico, de boca entreaberta, as angulosas feições contraidas numa atitude de pasmo interior, os olhos negros cravados num ponto fixo da assistencia. E para esse ponto convergiam de improviso todos os olhos. Viu-se uma mulherzinha de meia idade, em cuja magoada contenença tremeluziam lagrimas, e cujo amplo busto sacudiam mal contidos soluços. E ninguem atinava com aquele angustia, nem com o pasmo do frade.

Até que, decorrida uma pausa, a voz austera de Frei Gil ressoou como o tanger de um bronze sagrado:

—Meus irmãos, o inimigo moveu-me o braço, sem me consultar a vontade. Cometi um pecado nefando. *Pœnitet me.* Cortei uma vida inocente, julgando que atalhava uma tentação diabolica. Faltou-me o arrimo da paciencia, e resvalei num pronto. *Pœnitet me.* Orai, meus irmãos, para que Deus Nosso Senhor me valha com a sua clemencia.

Mas ainda as orações estavam longe do *Amen*, quando ele se virou para a angustiada matrona e exclamou:

—Ermezinda, que escondes debaixo do teu manto?

Então a criatura volveu para o frade os olhos chorosos e suplicantes, e redarguiu docemente:

—Meu santo nono, perdoai minhas lagrimas. Mas era um animalzinho tanto de minha estimação...

O pranto embargou-lhe a fala. E de sob as pregas de grosseira almáfega surdiu o corpo exanime do mísero galo, que parecia arfar nas mãos tremulas da dona.

—Depondo-o no chão — ordenou com brandura o dominico.

E ao contemplar sobre a terra anegrada aquele tufo, de plumas brancas, de onde a vida se ausentara, duas lagrimas sulcaram, silenciosas e limpidas, as faces macilentas do santo.

—Meu Deus! — rezou ele com funda contrição — suspendei sobre vosso servo os raios da vossa colera. Não permitais que em sua alma lavre o remorso do sangue derramado. Tu, pobre criatura de Deus, preenche com anos de minha vida terrena os dias que o torpe inimigo quiz roubar á tua. Levanta-te e louva o Criador!

Com os olhas alçados ao ceu, a mão esquerda erguida em tom de prece, estendeu o braço direito e, com o grosseiro báculo, traçou o sinal da cruz sobre o prostrado bicho. E esperou uns minutos, movendo os labios em murmuras jaculatorias.

E viu-se então uma coisa prodigiosa! O galo branco ergueu-se pausadamente do solo, sacudiu a plumagem fôfa, atirou para todos os rumos olhadelas piscas, distendeu o colo frouxelado e tufoso, assestou para o alto o agudo bico bifurcado, e prorrompeu num cantico estridente, clangoroso como um hino de gloria, veemente como uma antifona de graças, que encheu a amplidão sonora e fez tremer as estrelas de ouro no seu engaste azul. E emquanto, erecto ao pé da cruz, Frei Gil orava em silencio, as mãos ossudas espalmadas sobre o alvo escapulario, a multidão ajoelhada trasladava para linguagem de homens, em clamores responsos, o lirico arroubamento da ave ressuscitada:

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Gloria a Deus nas Alturas!

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE — INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA
1.ª recita de assinatura
com a representação da peça historica, em 5 actos, original de D. JOÃO DA CAMARA
Alcacer Kibir

S. CARLOS Telef. C. 5063
HOJE — Peça delicada e espirituosissima
A VINHA DO SENHOR
Primoroso desempenho com LUCILIA SIMOES, Erico Braga, Joaquim Almada, Guilherme Caupers, Francisco Sampaio, Maria Sampaio, Julia Silva e Maria Corte Real

APOLO
COMPANHIA OTELO DE CARVALHO
Penultima representação
As 9 1|4 — 5 NUMEROS NOVOS, 5
na revista de maior agrado
O Pé de Meia
A'manhã — Ultimo domingo e DESPEDIDA

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — Grande sucesso da TROUPE VILLASIUL na celebre revista **España** — Cantos e cansas das varias provincias espanholas magnificos scenarios, luxucsos trajos
Pela Companhia do Teatro, a opereta
A VIUVA ALEGRE
Protagonista: ALDINA DE SOUSA

POLITEAMA
Emp. Luís Pereira Telef. 3028 N.
HOJE — A's 21 e 1|2 — TODAS AS NOITES
AS VIRTUDES DE GERMANA
- ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA -
sob a direcção do maestro FERNANDES FÃO
ÁMANHÃ — 1.º concerto de assinatura — Programa escolhido — 2 1.as audições em Portugal

Eden-TEATRO
TELEFONE 3800 N.
HOJE — ás 21,15 horas — HOJE
GRANDIOSO SUCESSO
O Chico das Pêgas
Esplendido desempenho de toda a companhia

TEATRO AVENIDA
Telef. N. 4356 HOJE
Companhia Satanela-Amarante
de que faz parte NASCIMENTO FERNANDES
A Perola Negra

TEATRO MARIA VICTORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — 20,30 e 22,30 — HOJE
RECITA DAS CORISTAS
A deslumbrante fantasia
No País do Sol
SUCESSO INEGUALAVEL!

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Certa noite

Chove sempre, e a rua deserta. Dum lado e outro grandes moles de granito, pavidas, silenciosas. Perto a agua do rio maruiha rumorosa, sorvedouro demoniaco batendo cavo na parede do cais. O norte enregela. Sinto no peito uma lage fria. Tirito, treme-me a carcassa friorenta. Viv'alma!

A meus pés, pelo boqueirão negro, corre a vasa do enxurro; restos, detritos, lama, côr.

As luzes dos lampiões trémem aureoladas de nebtina. A cidade dorme, repousa dum dia de canceiras. O egoismo tambem dorme detraz do marmore das fachadas e o granito é mais negro e mais lugubre.

Parecem sepulcros as casas. A cidade um cemitero abandonado, ermo. No portal onde me abrigo ha um gato negro, esqualido lazaro, que revolve o lixo dos caixotes, com grandes miadas sinistras.

A chuva continua, miudinha, eterna. A rua negra e deserta. Ninguem. Viv'alma!

O granito sua, a dôr não cabe lá dentro, escorre pelas paredes das casas, frias, humidas .. As tusernas dos candieiros, fazem circulos vermelhos, fugidios, no chão.

O enxurro corre sempre, restos dum naufragio, lodo, lixo da cidade, vasa da maré. Na valeta ha uma claridade de espuma flutuando. As goteiras pingam-me em cima, coso-me mais com o portal.

Que noite esta!

O rio maruiha, e de tinta negra, e d'onde em onde, luzinhas de barcos, como lumes de cigarros, em pontilhados vermelhos. Que frio que faz, e ninguem. Viv'alma! Só eu, o vento, a arvore em frente, nuasinha de verdura, braços supllces para o ceu.

.....

Lembro me, quando era pequenino, duma noite assim. Havia tambem uma arvore como aquela; nuasinha, triste, tambem de braços descarnados para o ceu. E eu disputava aos cães vadios as entranhas dos caixotes, descalcito, friorento, humilde.

A chuva carregou mais e eu encostei-me á Arvore, á Mãe. Encostei-lhe o peitito desnudo e pareceu-me sentir um vago rumor de seiva correndo.

Tinha fome. E ninguem... Viv'alma.

Puz-me a pensar que se fosse arvore não teria fome, não teria frio, que, naquela noite de chuva, assim tão triste, havia de sonhar com a primavera, com os ninhos, com as flôres.

Duas vethinhas passaram, sombras cosidas com a parede. Tinha fome, segui-as....

Deixei a Arvore, a Mãe. Entrei numa igreja cheia de luzes, de incenso.

Tanta gente na igreja e eu só no mundo, eu e a minha Mãe, a Arvore.

Tantas luzes, tanto incenso! Era Natal!

Sevéro Portela, Junior

Pela imprensa

Uma carta do jornalista Reinaldo Ferreira

Do nosso distinto camarada na imprensa sr. Reinaldo Ferreira, que actualmente se encontra em Madrid, recebemos a seguinte carta:

Sr. director:—Juntamente com um exemplar do «Correio da Manhã» em que é anunciada a minha saida daquele jornal, recebi duas cartas de amigos meus participando-me que correm varios boatos a meu respeito e a respeito do orgão dos monarquicos portugueses. Para que esses boatos não se encham de oxigeneo venho ao seu encontro pedindo a v., como amigo e como camarada, a publicação das seguintes declarações:

Primeiro: Que a causa do meu afastamento do «Correio da Manhã» se baseia num artigo publicado por mim no importante jornal madrileño «La Libertad» de que sou redactor;

Segundo: Que nesse artigo, intitulado «Reflejos de la dictadura» e publicado no dia 12, eu dizia que a Republica era o ideal politico com maiores raizes em Portugal, o que justifica e torna muito logica a atitude do «Correio da Manhã», a qual seria imitada por qualquer jornal republicano, em caso que um colaborador seu fizesse declarações contrarias á sua politica;

Terceiro; Que, por outro lado, não tendo eu tomado compromissos politicos com o «Correio da Manhã» onde fui simplesmente um «profissional», como o havia sido em épocas diferentes na «Capital», no «Mundo», na «Manhã», na «Epoca» (1918), na «Opinião» e no «Seculo», não posso ser acusado de deslialdade por haver escrito, fora do «Correio da Manhã», artigos diferentes á sua politica;

Quarto: Que tenho o dever de afirmar que no «Correio da Manhã» só recebi provas de consideração e de lealdade.

Agradecendo-lhe a publicação destas linhas, peço que accite um abraço do seu amigo e colega, *Reinaldo Ferreira.*

O PAPÃO...

Os soviets

estiveram de novo NO TEJO e o "Diario de Lisboa,, conseguiu visitar o "Trujenix Morja,,

O «Trujenix Morja»—o navio sovietista que ante-ontem ancorou no Tejo—é um navio de carga como outro qualquer. Tem um nome que não é feio; tem a vigiá-lo a Policia Maritima e a Guarda Fiscal para o isolar de terra como preciito de mau contagio; e tem, na quietude mansa do rio, o seu quê de alarme que as autoridades lhe emprestaram, receiosas talvez de que estivesse lá dentro alguma hidra de babugem peçonhenta. Mas... é igual aos outros. E o «reporter» constatou-o com certa pena, porque se fizera conduzir até lá, na crença de se defrontar com uma parcela da Russia apavorante que vem nos telegramas dos jornais,—nos olhares da marinhagem a sanha sinistra do odio contra tudo e contra todos; na vida dos tripulantes a raiva dos ergastulos; na pessoa do comandante alguma figura temerosa de tirano; naquilo tudo, emfim, a nota sangrenta do terror, do sofrimento e da revolta.

* * *

Pois... o capitão Roschek quando o «Diario de Lisboa» lhe invadiu o camarote, nem sequer se surpreendeu grandemente, de despreocupado que estava a emborcar no estomago «champagne» e limonadas. Ao ver-nos, regougou qualquer frase que tanto podia ser um cumprimento como podia ser um insulto. Aquilo foi dito em russo; e, quando a gente não é poliglota, que remedio ha senão fingir que se agradece. O homem foi dizendo mais coisas na tal trapalhada linguistica que nos fazia arripios e que nos devia ter dado, em meio da marujada que entretanto nos fôra cercando, o aspecto de pasmo que soem ter os caminheiros perdidos da selva quando o destino os leva á palhota de algum regulo.

—Que raio quererá dizer isto traduzido em vulgar?—ia o «reporter» monologando com os seus botões, emquanto ensaiava uma pregunta das que vêem nas agendas do viajante em terra alheia. Mas, chamado de proposito ou vindo por acaso, surgiu naquela altura um novo personagem; que nos foi providencial. Rapaz ainda,—seus vinte e tal anos na certidão de idade dos olhos,—diz-se comissario do povo, delegado da Federação Maritima, e, além de conhecer Portugal, fala o francês tão mal como o «reporter», pelo menos. E' assim, assim... mas remedeia para viajar naquele pedaço de territorio russo, ali entre o Terreiro do Paço e Cacilhas.

Roschek—o capitão—sentado a uma mesa entre uma jarra de flores e um copo de cascas de limão, mirou e remirou os documentos identificadores do jornalista, esteve que tempos a olhar para os papeis como nós olhariamos para uma inscrição arabe, e, após uma troca rapida de palavras com o interprete, decidiu-se a oferecer um cigarro ao visitante. E começámos os dois a entender-nos, sem perceber patavina dos dizeres reciprocos a não ser através a tradução do comissariado do povo ambulante.

* * *

Uma tirada babelica do marinheiro. E nós:

—O que é? Que está ele a dizer?

—Pregunta se traz consigo o seu jornal.

—Diga-lhe que não. Então os senhores não o compram? Fazem mal. Se calhar é por isso que não sabem nada do que se passa em Portugal...

—Diz ele que a policia não deixa e que isto é uma grande injustiça, porque ao capitão Soenko, comandante do «Rylyeff» que aqui esteve ha dias, não o trataram assim. Até o deixaram ir a terra passear... Esse teve mais sorte.

—Então?! Que tenha paciencia. As autoridades portuguesas lá hão ter os seus motivos.

—Anh?!

—Anh o quê?

—Quer o capitão dizer na sua que é demais este rigor, porque nos teem aqui retidos como criminosos ou como doentes da lepra.

* * *

—Como souberam do bom acolhimento ao comandante do outro navio?

—Foi pelos jornais.

—Chegou lá fóra a noticia? Não demos por isso!

—Nada. Foi pelos jornais portugueses!

—Então?

Os russos mostraram-nos um exemplar do numero de ontem da «Batalha» e puzeram-se todos a rir á gargalhada.

—Que raio de pandega é esta? Querem ver que estão a troçar comigo?!

—Oh! Senhor! Perdão! E' que, apesar da grande vigilancia da policia, não nos tem sido dificil ler o jornal dos camaradas...

E mudaram de assunto em tom de disfarce galhofeiro:

—Nós viemos apenas para abastecer o navio de agua, carvão e mantimentos. Vamos seguir já para Odessa com a carga que metemos em Hamburgo.

—Só?!...

—Só! A Russia tem grande abundancia de trigo mas não precisa de vir vendê-lo a Portugal. Para a Alemanha já foram 2.500.000 toneladas! De resto os delegados comerciais do governo sovietista preferem a Italia e a Inglaterra. Agora andam eles por lá.

—E sobre propaganda?... não trazem qualquer missão a cumprir?...

* * *

O navio teve um estremeção. Ouviu-se um sussurro de vozes junto á cancela da amurada; e um marinheiro veiu interromper a conversa para avisar Roschek de que a policia mandára encurralar o «Trujenix Morja» no quadro destinado aos barcos de guerra.

O capitão teve um assano de colera; O capitão teve um assomo de colera; teligiveis, e foi, escamadissimo, assistir á manobra, emquanto o interprete nos explicava o caso:

—E' isto! Quem manda menos aqui é o proprio comandante! Os fornecedores impingem-nos o que muito bem lhes apraz e a gente não póde protestar; levam-nos mais caro e temos de pagar sem discussão... E pronto! E' isto que se vê! O senhor é comunista ou é sindicalista?

—Não. Os monarquicos chamam-me republicano e os republicanos chamam-me talassa. Mas eu, por emquanto, sou só português.

—Bem, bem. Até á vista!

E retirou-se com cara de caso.

O «Trujenix Morja» levantou hoje ferro ás 9 horas.

PELA POLICIA

de Segurança do Estado

Foi posto em liberdade Jacinto Estrela, que ha dias fôra preso, por suspeita, pela P. S. E.

Os processos que actualmente se encontram pendentes nesta policia aguardam o despacho do novo director sr. dr. Barbosa Viana, que toma posse do seu logar na proxima terça feira.

ASSASSINO

que se entrega á prisão

Acompanhado dum oficio do consulado do Brasil, foi hoje entregue ao director da policia de investigação, Anacleto Bonini, que se apresentou voluntariamente naquele consulado á prisão, declarando ter assassinado no Brasil um individuo.

GLORIFICAÇÃO

Festa

em honra

de Angela Pinto

no teatro de S. Carlos

Reune-se ámanhã, pelas 21,30, no teatro de S. Carlos a comissão de homenagem a Angela Pinto, que se compõe da ilustre artista Lucilia Simões e dos srs. Avelino de Almeida, Matos Sequeira, Cristovão Aires, Alvaro Lima, Erico Braga e do nosso brilhante camarada e chefe de redacção Alvaro de Andrade.

A consagração a Angela Pinto, realiza-se já no proximo dia 19, com um espectaculo especial em que entrarão os nossos principais artistas.

Contiuuam sendo muito disputados os bilhetes para a festa de Angela. Entre as muitas pessoas que já marcaram lugar, destacaremos:

D. Maria Carreira, camarote de 2.ª.	100$00
D. Maria Pinheiro Chagas, frisa....	200$00
Leonard Labart, camarote de 1.ª....	200$00
D. Nuno Alarcão, camarote de 2.ª..	100$00
Dr. Lobo d'Avila Lima, «fauteuil»...	20$00

* * *

A Agencia Lusa enviou a seguinte carta á companhia Lucilia Simões-Erico Braga:

Ex.mos Srs.:—Tendo conhecimento de que v. ex.as resolveram tomar a louvavel iniciativa de promover no teatro de S. Carlos uma festa de homenagem a esse extraordinario temperamento de artista que é Angela Pinto e que tantas ncites de gloria deu ao teatro português, temos o maior prazer de participar a v. ex.as que pomos desde já ao seu dispor os nossos serviços para a afixação de todos os reclames que v. ex.as resolvam fazer a essa festa, desejando desta maneira contribuir com a nossa parte para a sua iniciativa, pela qual os felicitamos muito sinceramente.

Aguardando as ordens de v. ex.as neste sentido, subscrevemo-nos, com a mais alta consideração—Pela Agencia Lusa, o director tecnico *J. Branco.*

* * *

Eduardo Santos, distinto critico teatral portuense, que se assina com o pseudonimo *Edurize*, escreveu, no *Comercio do Porto*, edição da tarde, um veemente artigo sôbre Angela Pinto, de que extraimos os seguintes periodos:

«Foi Artur Portela—jornalista duma requintada sensibilidade e em cuja prosa bizarra e justa, scintilante e nervosa, vibra a beleza da forma literaria e a pureza das ideias—que no-lo contou no brilhantissimo *Diario de Lisboa.*»

.....

«Para Artur Portela e para todos que concorreram com o seu esfôrço e a sua bondade em auxilio do apêlo daquele scintilante jornalista—vai o nosso mais franco aplauso e a nossa mais sincera solidariedade.

Temos no Porto três companhias a funcionar; é preciso, pois, que essas companhias, num rasgo de generosa solidariedade, promovam um unico espectaculo, mesmo *matinée*, com o concurso de todos os artistas, em beneficio da pobre Angela.»

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

€69 . . .	100.000$	6207 . . .	1.000$
£875 . . .	30.000$	4445 . . .	1.000$
5314 . . .	10.000$	7263 . . .	1.000$
5603 . . .	5.000$	8042 . . .	1.000$
457 . . .	2.000$	8316 . . .	1.000$
722 . . .	2.000$	8876 . . .	1.000$
5344 . . .	2.000$	8915 . . .	1.000$
7940 . . .	2.000$	9275 . . .	1.000$
8593 . . .	2.000$	9354 . . .	1.000$
776 . . .	1.000$	9542 . . .	1.000$
1968 . . .	10.00$	9740 . . .	1.000$
2626 . . .	1.000$	10157 . . .	1.000$
3484 . . .	1.000$	10334 . . .	1.000$
3789 . . .	1.000$	11058 . . .	1.000$
4401 . . .	1.000$		

O fotografo Vasques executa actualmente com a maior perfeição lindos esmaltes coloridos — Largo da Abegoaria (ao Chiado)

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

"FOOT-BALL,,

Grave

conflito

na Associação

por causa de um desafio

Os desafios do Campeonato de Lisboa, ainda ha tão pouco iniciados, deram já aso a um conflito que não é facil prever ainda até onde poderá chegar.

Após o desafio de domingo passado entre o Sporting Club de Portugal, campeão nacional de «foot-ball», e o Casa Pia Atletico Club, a direcção deste ultimo club enviou para a Associação de Foot-ball, uma exposição da forma como decorreu o encontro, e dos incidentes que o esmaltaram — incidentes de que foi afinal principal responsavel: o arbitro nomeado pela Associação.

A direcção da A. F. L. reuniu, e resolveu ouvir o Conselho Tecnico e a Comissão de Arbitros.

Varias reuniões se efectuaram. Entre elas uma conjunta da Direcção, do Conselho Tecnico e de dois representantes da Comissão de Juizes.

Deu a Comissão Tecnica o seu parecer sobre quais deviam ser as sanções a aplicar.

Nem uma das suas indicações foi respeitada!

A Direcção da A. F. L. resolveu suspender Almeida do C. P. A. C. por 60 dias e José Leandro do S. C. P. por 30 dias.

Mas, mais: Candido de Oliveira, capitão da primeira «équipe» nacional que jogou contra a Espanha, e Francisco Stromp, um dos mais antigos jogadores portugueses, ha tantos anos capitão do actual «team» campeão de Portugal, foram castigados com 45 dias de suspensão — 45 dias durante os quais não poderão jogar, nem sequer treinar os seus «onzes»!

Como e porquê, esses dois homens a quem o «foot-ball» nacional tanto deve, aparecem castigados, ficando livres de qualquer sanção todos os homens que jogaram violentamente no passado domingo?

Diz-se — porque todas estas informações nos vieram indirectamente! — que tal se fez para poupar alguns dos jogadores internacionais que devem jogar contra a Espanha, em Sevilha, a 16 de Dezembro proximo!!!

Ficam avisados os «internacionais»: a sua qualidade torna-os irresponsaveis e intangiveis! E ficam tambem avisados os capitães do «teams» onde haja seleccionaveis: cuidado com as suspensões-somatorias dos castigos que os «internacionais» venham a merecer!

O castigo imposto a Candido de Oliveira e a Francisco Stromp veiu agravar um conflito de ramificações mais graves ainda.

Consta-nos que a direcção do Casa Pia vai reunir extraordinariamente, devendo assistir a essa reunião o sr. Alfredo Soares director da Casa Pia de Lisboa, e presidente honorario do C. P. A. C. Dificil se torna prever qual será a atitude do Sporting Club de Portugal.

Além disso, Candido de Oliveira, o prestigioso capitão da 1.ª «équipe» nacional, e distintissimo jornalista, vai escrever á direcção da Associação de Foot-ball, uma carta que o «Diario de Lisboa» espera poder publicar na integra, e que ficará como um dos mais curiosos documentos para a historia do foot-ball português.

Se acrescentarmos que a Direcção da Associação resolveu sozinha, irradiar o arbitro Dionisio Duarte, sem consulta previa á Comissão de Arbitros — desrespeitando esta como já desrespeitara as indicações do Conselho Tecnico — facil se torna ao leitor ajuizar da extensão do conflito.

Compete á imprensa apoiar e dar força ás resoluções dos directores da Associação-Federação.

Quando porém, essas resoluções são tomadas passando por cima dos direitos das entidades competentes, e por cima do bom senso, essa obrigação da imprensa: — cessa!

POLITEAMA
"AS VIRTUDES DE GERMANA"
Sucesso extraordinario

VIDA NOVA

O regresso

de Afonso Costa

A' POLITICA

e o que diz ao "Diario de Lisboa,,

o deputado Cunha Leal

Ha, no Parlamento, uma figura com quem, antecipadamente, o sr. dr. Afonso Costa conta, tanto como opositor, como colaborador, desde que a isso os acasos da politica o levem: o sr. Cunha Leal.

E' ele, hoje, incontestavelmente, o parlamentar mais combativo e de mais brilhantes qualidades oratorias na Camara dos Deputados. Qualquer governo se regosijará por tê-lo como amigo; qualquer governo receará contá-lo entre os seus inimigos.

Procurámos, pois, ouvir a sua impressão quanto ao regresso do sr. dr. Afonso Costa. Assim julgamos satisfazer a justa curiosidade dos nossos leitores.

* * *

Preguntou o jornalista:

—Que pensa do reingresso do sr. dr. Afonso Costa na politica activa?

O sr. Cunha Leal, medindo as palavras:

—Verifico que esse acontecimento vai ser fertil em resultados de varia ordem. O primeiro sintoma disso consiste no entusiasmo que, neste momento, existe nos arraiais democraticos. E vamos que o caso não é para menos.

—E' um grande partido, que recupera um grande valor...

—Assim é. Nas incruentas batalhas da politica, o P. R. P. fôra decapitado, indo a cabeça rolar até Paris. Ora, sentindo-se morrer a pouco e pouco, quando já a gangrena lhe tinha invadido o organismo, saudoso da cabeça, o P. R. P. lembrou-se de fazer aplicar a si proprio o balsamo de Perrabraz de que nos fala Miguel de Cervantes. Conhece, por acaso, as virtudes do medicamento?

—Não, senhor...

—Recomendava D. Quixote a Sancho Pansa que, se um dia, no fragor das pelejas, o visse partido em dois, juntasse, cuidadosamente, as duas metades, e o obrigasse a beber uns golos do balsamo, pois tanto bastaria para que voltasse a ficar mais são do que um pero.

—Mas que analogia tem esta historia com o acontecimento que está apreciando?

Sorriu-se com leve ironia, o antigo presidente de ministerio. E ripostou:

—E' que, por artes de «berliques» e «berloques», o sr. dr. Germano Martins, herdou a receita do balsamo de Ferrabraz; não admira, pois, que, na hora propria, ele tentasse juntar a cabeça ao corpo do P. R. P. e, levando-lhe o frasco do medicamento á boca, assim restituisse a vida a um organismo moribundo. De modo que, ante o triunfal resultado da operação, bem se compreende a ruidosa alegria dos democraticos...

* * *

O fio de ironia que entrelaça as palavras do entrevistado, leva o «reporter» a uma intervenção pró-imparcialidade:

—A sua critica seria inteiramente justa, se tal operação, nos seus efeitos, se restringisse, apenas, ao P. R. P. Como assim não sucede...

—Mas a minha alegria não é menor do que a deles! Como republicano, estava-me sentindo vexado por verificar que a mentalidade deste paiz está tão derramada, que foi possivel, ao sr. Antonio Maria da Silva alcançar a categoria de grande estadista—o que só se justifica por muitos terem, de «estadista», a noção de que é um homem que—«está!» E o sr. Antonio Maria da Silva «esteve», de facto, muito tempo no poder. Quasi tanto como Poincaré, segundo o amavel registo do sr. Presidente da Republica.

—Vamos, então, mudar de vida. Após os remedios que se caracterisavam pela sua quasi cronicidade, vamos ter os revulsivos energicos, embora rapidos. Não é assim?

—Talvez. E' possivel que o sr. Afonso Costa venha fazer deitar ao país os bofes pela boca. Mas, o pouco conhecimento que tenho de sua personalidade, dá-me a impressão de que, em qualquer hipotese, ha-de tentar agitar problemas e encarar de frente as suas soluções. O que aí estava, era a estagnação, a morte. O sr. Antonio Maria da Silva, a quem chamaremos Afonso-*le petit*,—recordando o paralelo entre os dois Magalhães, estabelecido por Victor Hugo—pretendeu impedir a todo o transe a fiscalisação aos seus actos governativos: a politica, que ele desejava ver estabelecida entre nós, era a do silencio, da cumplicidade e, como consequencia logica, a da corrupção. Vamos entrar num caminho de livre critica, de fiscalisação e de colaboração oposicionista, se o sr. dr. Afonso Costa, como é de esperar, a souber condicionar. E nisto está a vida, porque a vida consiste no movimento.

* * *

Procurando prescrutar os receios ou esperanças do nacionalismo, pela brusca modificação do xadrez politico:

—Mas o facto da efectivação, no todo ou em parte, da obra de regeneração nacional, por entidades alheias ao partido nacionalista, não o desmoralisará, desagregando-o, liquidando-o até?

—Não tem o meu partido medo de ser destruido, lá porque o sr. dr. Afonso Costa venha a conseguir realisar uma obra. Somos todos suficientemente republicanos e portugueses, para aceitarmos com alegria a salvação, venha ela de onde vier. Pelo contrario, o nosso receio consiste em que o sr. dr. Afonso Costa nada faça de util para o país.

—Receio? Porquê?

—Porque a desgraça não tenha, ainda, ensinado suficientemente o sr. dr. Afonso Costa a modificar certas arestas do seu caracter e certas tendencias ideologicas do seu espirito, contrarias á consciencia da nação. Porque certas amizades fanaticas, lhe procurem impôr uma visão unilateral das coisas e dos homens. Porque certas cubiças de pescadores de aguas turvas se estejam preparando para lançar o anzol nos redemoinhos que a sua acção vae, certamente, produzir.

—E pensará comigo o Partido Nacionalista? Falamos com o deputado Cunha Leal ou com o sub-*leader* da sua representação parlamentar?...

—Os corpos dirigentes do meu partido, ainda não marcaram a nossa posição em face destes repentinos acontecimentos. Certo estou, de que sendo sempre dignas as nossas atitudes; a consciencia da nação saberá compreender os altos sentimentos de patriotismo, que hão de dictar a nossa acção. O que eu lhe tenho vindo a dizer, significa, sómente, o meu modo pessoal de sentir que, de resto, venho expressando ha muito tempo — farto, como estou, de aturar governos de *Joões-Ninguens*...

—Governos de *Joões-Ninguens* de que, possivelmente, o sr. dr. Afonso Costa respeitará os trabalhos e os projectos...

—Não acredito. O sr. dr. Afonso Costa deve ver melhor do que os seus predecessores. E assim, ele não vae, por certo, herdar os frangalhos de propostas do sr. Velhinho Correia, o cotão da inteligencia do sr. Queiroz Vaz Guedes, ou as bem comidas e bem bebidas *carbonarias* policiais do sr. Antonio Maria da Silva... Mesmo porque se as herdasse, antecipadamente se condenava ao mais estrondoso fracasso.

Pelos teatros

A reabertura do Nacional

Efectua-se esta noite, no Nacional, com a 1.ª recita de assinatura, a inauguração da temporada de inverno. Representar-se-ha uma peça que para muitos, constitue uma absoluta novidade, visto que, ha cêrca de trinta anos, não vê a luz da ribalta. Trata-se da bela peça

EDUARDO BRAZÃO

historica ao saudoso D. João da Camara, intitulada «Alcacer Kibir», apresentada com todo o rigor, e que tem actualmente, a distribuição seguinte:

«El-Rei», Matos Reis; «Cardeal», Ribeiro Lopes; «D. Fuas», Brazão; «Conde d'Ossa», Rafael Marques; «D. Guido», Clemente Pinto; «Beltrão», José Ricardo; «Gaspar», Joaquim Oliveira; «Vasco da Silveira», Catazans; «Martim Afonso», Mario Brandão; «João de Shore», «Cristovam de Tavora», Nascimento; «Pedro», Carlos Sousa; «Estalajadeiro», Henriques; «Familiar do Santo Oficio», José Henriques; «Maria», Ester Leão; «Antonia», Ilda Stichini; «Catarina», Maria Pitar; «Sancha Mocho», Palmira Torres e «Estalajadeira», Isabel Berardy.

Atraz do reposteiro

Deve subir hoje, á noite, á scena, no Aguia de Ouro, do Porto, a peça «Kean», fazendo Alves da Cunha o protagonista. A peça, na traducção do escritor José Antonio de Freitas, vai posta com scenarios novos.

—Estão em Lisboa: a ex-actriz Zulmira Ramos, vinda do Brasil, e os duetistas brasileiros «Os Geraldos», vindos da Africa portuguesa.

—Dado o sucesso que está obtendo no Avenida a peça «A Perola Negra», só mais tarde, posto que ainda este mês, a companhia Satanela-Amarante fará «reprise» da opereta «O João Ratão».

—Hoje e amanhã dá os seus ultimos espectaculos no S. Luiz a excelente «troupe» espanhola de variedades Villasiul, que apresentará canções e bailados novos. Serão tambem representados dois actos da «Viuva Alegre».

—Recebemos a visita do actor Mario Brandão, que hoje se estreia no Nacional, no papel de «Martim Afonso», da peça «Alcacer-Kibir», sendo a primeira vez que este artista, muito conhecido no Brasil, onde tem bastante nome, trabalha na sua terra.

—A companhia de revistas de Antonio de Macedo, que esteve explorando o Maria Vitoria, inicia amanhã a sua «tournée» pela provincia, em Evora, devendo fazer uma digressão de quatro meses para voltar de novo áquele teatro, que vai sofrer obras importantes.

—O ensaio geral da revista «Giga-Joga», no Apolo, realisa-se na segunda-feira, subindo a peça á scena no dia imediato.

—O publico, que muito tem apreciado os notaveis trabalhos que a grande companhia de circo está exibindo no Coliseu dos Recreios, vai ter dentro de poucos dias uma estreia naquela casa de espectaculos, que ha de causar grande sensação. Amanhã ha dois magnificos espectaculos, em «matinée» e á noite, com programas variadissimos.

—Consta que uma empreza de um teatro de revistas está em contrato com o actor Tomaz Vieira e o seu «Junior», para uma série de espectaculos.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos = A's 21.15 — «A vinha do Senhor».
Nacional = A's 21 — «Alcacer-Kibir».
S. Luis = A's 21 — «Viuva Alegre».
Politeama = A's 21,30 — «As virtudes de Germana».
Avenida = A's 21,15 — «A Perola Negra».
Apolo = A's 21,30 — «Pé de meia».
Maria Vitoria = A's 20,30 e 22,30 = «Tic-Tac».
Eden = A's 21,15 = «O Chico das Pégas».
Eldorado = Ás 21 = Variedades.
Circo da Feira = Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios = Ás 21 = Companhia de circo.
Gil Vicente = Ás 21,15 = «João-José».
Chiado-Terrasse = A's 21 — «Coisas nossas».

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz = Calçada da Gloria.
Olimpia = Rua dos Condes = «Matinée» e «soirée»
Cinema Condes = Avenida da Liberdade.
Salão Central = Praça do Restauradores.
Salão Ideal = Rua do Loreto.
Cine-Paris = Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora = Largo do Calvario.
Eden-Cinema = Rua do Alvito.
Salão Rocio = Rua do Arco do Pandeira.

Representantes: LOBATO & SILVA L.DA—Rua da Prata, 8—LISBOA

1 WATT

1/2 WATT

Á VENDA EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS DE ELECTRICIDADE

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA	PORTO
Rua do Crucifixo, 49	246, Rua Mousinho da Silveira, 250

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS
Economia de 20 a 30 %
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

CORREIA LEITE, SANTOS & C.A

BANQUEIROS

53, Rua Augusta, 59 — 101, Rua da Conceição, 107

COMPRA E VENDA DE CAMBIAIS
TODAS AS OPERAÇOES BANCARIAS

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

AMOSTRAS GRATIS

Solano
DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, LDA
RUA ALVES CORREIA, 45 1º
TELEFONES 3156 e 3697-N.
TELEGRAMAS "FITELES"
LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Instituto de Electricidade

(Á DISPOSIÇÃO DA CLASSE MEDICA)

Direcção clinica e electro-tecnica:
Dr.s L. Alambre e Carlos Pimentel
Raios X, Finsen e Ultra-violetas — Diathermia e Alta-frequencia — Correntes electricas, luz e massagem
RUA GARRETT, 36-1.º (CHIADO)
Telephone C. 3680

VINHO DE COLARES

V. S.

VISCONDE DE SALREU

Todos o devem preferir, e o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem.
Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio de Janeiro

Pedidos a D. J. Silva, L.da
Rua Rodrigues Sampaio, 15
Telefone n.º 1711

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS
LIVRO UTIL EM TODOS OS LARES
Mais de 100 plantas para remedios caseiros
Á venda nas livrarias e tabacarias
Pedidos a Antonio Ribeiro
R. Nova da Trindade, 87
PREÇO 1$00
Pelo correio 1$50

2.ª edição — 2.ª edição

CONTADORES DE PRESSÃO DE AGUA

FABRICAÇAO ALEMA
SIEMENS & HALSKE
A ESC. 25$00
DESCONTOS AOS REVENDEDORES

Empreza Comercial de Maquinas e Electricidade, Limitada

Rua da Palma, 225 a 235 - LISBOA

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

VESTIDOS MODELOS — — e casacos de peles
estão expostos nos dias 5, 6 e 7 no
Hotel de Inglaterra
quarto 34 das 2 ás 8 horas

CARVÃO VEGETAL - COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª Fº
RUA DA COSTA 8, LISBOA

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE FRANÇA

A divida

da França

para com a Alemanha

é intangivel

segundo a imprensa

PARIS, 3

A imprensa francesa, referindo-se ás negociações pendentes entre Londres e Paris para o convite a fazer aos Estados Unidos para participarem no «comité» de tecnicos á capacidade de pagamento da Alemanha, é unanime em declarar que a França não pode consentir na revisão do estado de pagamento de Londres, de 5 de Maio de 1921 e isso tanto mais quanto e certo que o governo americano pediu desde o começo, que a questão das dividas aliadas não fôsse levantada na conferencia. A França para manter a logica não pode deixar de sustentar o raciocinio claro e inatacavel emitido pelo «Daily Mail». Se a divida da França fica intangivel para com os seus aliados, deve tambem a divida da Alemanha para com a França ficar intangivel.—(Especial).

«Le Temps»

e o separatismo na Alemanha

PARIS, 3

O *Temps*, referindo-se á nota do governo inglês, sobre o movimento separatista da Renania, observa que nenhuma clausula do Tratado de Versailles garante a manutenção das fronteiras alemãs. O *Jornal des Debates* afirma tambem que o actual territorio alemão pode ser alterado, mas que isso implicará autenticamente a anulação do Tratado de Versailles. — (R.)

A época de inverno no Cinema Condes

inaugurou-se ontem com uma esplendida casa e uma soberba estreia, a «Historia de um Rei»

O Condes teve ontem uma das suas grandes noites. A' inauguração da sua época de inverno assistiu o mais selecto da nossa primeira sociedade, que sancionou com o seu aplauso o magnifico programa exibido e sobretudo a estreia sensacional da «Historia de um Rei», drama em sete partes, em que o grande actor Lewis Stone interpreta superiormente o duplo papel do barão Rodolfo Rassendyl e do rei Rodolfo IV da Slovania. A acção do drama decorre na velha Inglaterra, sendo interessantissimas, entre muitas outras, as scenas da coroação do rei, na catedral de Pravna, e a conspiração de seu irmão bastardo, o duque Miguel, o «Negro». A «Historia de um Rei» repete-se hoje.

POLICLINICA DO ROCIO

Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo	Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Fina Junior	Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha	Rins e vias urinarias — 10 e 1/2 h.
Dr. Carceila d'Abreu	Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato	Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira	Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette	Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Cittolini	Cirurgia, doenças das senhoras e partos — 14 e 1/2h.
Dr. Zeferino Falcão	Pele e sifilis — 14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco	Raios X.

O DESMEMBRAMENTO DA ALEMANHA

2.000

SEPARATISTAS

tomaram conta da cidade

de Aix-la-Chapelle

COLONIA, 3

Dois mil separatistas renanos, vindos, na maior parte, das regiões ocupadas pelos aliados, apoderaram-se, depois de um combate encarniçado com as forças governamentais, da cidade de Aix-la-Chapelle, tendo ocupado os edificios principais. Havendo chegado reforços á cidade, as tropas belgas desarmaram as forças governamentais.

Os separatistas apoderaram-se de Rathaus em Aix-la-Chapelle e ás 10 horas da manhã arvoraram a bandeira renana. Consta que os feridos são em grande numero. No final da manhã, houve um contra-ataque por parte da policia e dos comunistas. — (R.).

No Vale do Saar

prepara-se um assalto separatista

DUSSELDORF, 3

Os separatistas apoderaram-se de Langonschwalbach, Koenigstein, Alzey e outras povoações. Na região de Trèvés e de Coblentz, os separatistas entregam-se a actos de terror. Dizem de Saarbruecken que está sendo preparado um assalto separatista no Vale de Saar, dirigido pelo major Richert, de Munich. De Estrasburgo informam preparar-se um movimento identico em Middobaden, protegido pelos franceses — (R.).

Stressmann

foi encarregado de formar novo governo

BERLIM, 3.—Na reunião do gabinete houve violenta discussão, embora baldada, entre os ministros socialistas e os outros ministros. No final da reunião o chanceler Stressmann declarou aos delegados socialistas que era impossivel aceitar as condições dos socialistas e insistiu nas consequencias da sua retirada do gabinete pelo que toca ás reparações. O chanceler Stressmann fica no governo provisoriamente com os restantes ministros e teve já uma conferencia a este respeito com o presidente Ebert.

Tendo sido rejeitadas as propostas socialistas, a permanencia no governo dos três ministros socialistas não é mais possivel. Por este motivo, o governo de coligação apresentou a demissão e o sr. Stressmann foi encarregado novamente da formação do novo gabinete. O sr. Stressmann decidiu preencher as vagas socialistas com neo-politicos.—(Especial).

Stinnes

e o regresso ao trabalho no Ruhr

BERLIM, 3.—O grande industrial Stinnes conferenciou com o chanceler Stressmann sobre o acordo com as autoridades inter-aliadas das regiões ocupadas, para o regresso as trabalho no Ruhr.

Os representantes de todos os partidos iniciaram um movimento caritativo, recolhendo donativos para diminuir a miseria do povo alemão.—(L.)

O HOMEM MISTERIOSO

Que em 1920 profetizou a morte de **Machado Santos** e outro acontecimentos publicos e diz o vosso passado, presente e futuro em amores e casamentos, negocios, viagens: mudanças de vida, etc., é o **astrologo J. Rabestana,** que se mudou para a rua de S. Nicolau, n.º 13-4.º frente — Lisboa.

Consultas das 11 ás 17. Se escrever envie **2$500 réis** para a resposta.

DISPAM-SE

E VISTAM-SE DE NOVO NA CASA DONAS

Os fabricantes Donas, da Covilhã, vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos, sobretudos, vestidos e casacos em todos os padrões e côres quasi por metade dos preços.

Depositos de vendas a retalho:

Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187-2.º
No PORTO — Rua Fernandes Tomás, 392-A

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

DA INGLATERRA

O grave

problema

dos desempregados

e o discurso

de Stanley Baldwin

MANCHESTER, 3

Discursando nesta cidade, Stanley Baldwin referiu-se largamente á politica fiscal do governo, principalmente na parte que tem por fim resolver o grave problema dos desempregados. Disse que era necessario lançar impostos sobre os artigos manufacturados, conceder um tratamento especial aos produtos dos Dominios e isentar de quaisquer encargos fiscais o trigo, a carne e outros generos de primeira necessidade. Referindo-se ao algodão, declarou que só ficaria satisfeito no dia em que a produção britanica daquele genero pudesse chegar para as necessidades de Inglaterra, e terminasse a dependencia, em que actualmente se encontra o imperio, da produção norte-americana.—(R.)

A propaganda

do partido trabalhista

LONDRES, 3

O sr. Macdenold inaugurou a campanha da propaganda politica do partido trabalhista atacando o partido conservador por este não ter cumprido as obrigações a que o sr. Bonar Law lhe deixou, relativas ao problema dos desempregados: o sr. Macdonald reclama um imposto violento sobre os lucros da guerra, e, como meio principal de resolver o problema dos desempregados, um conjunto de medidas tendentes a aumentar a produção nacional.—(R.)

A Russia

e as impressões de uma visita

LONDRES, 3

Um filho do sr. Stanley Baldwin, que é socialista e visitou recentemente a Russia, fez uma conferencia na Universidade de Cambrigge na qual tornou publicas as suas impressões sobre aquele país. Durante a sua palestra, o orador atacou vehementemente o governo inglês que, a seu ver, é constituido por homens incapazes de orientar a politica internacional da Gran-Bretanha.—(R.)

Arte, Elegancia, Alegria, Prazer

Os espectaculos de ámanhã no Coliseu dos Recreios

Mais uma grandiosa «matinée» — a segunda da epoca — se realiza ámanhã no Coliseu dos Recreios. Estes espectaculos, que são a delicia da petizada, têm a grande conveniencia de serem comodos para as crianças, porque lhes evita o frio das noites e ainda porque lhes não transtorna as horas do seu repouso. Acresce que os palhaços, nesses espectaculos, exibem os seus mais engraçados trabalhos porque lhes agrada tambem ouvir as gargalhadas dos pequeninos espectadores que com palmas, risos e alegria sublinham os seus intermedios comicos.

Ámanhã ha, portanto, dois maravilhosos espectaculos: o da tarde e o da noite em que se apresentam todas as celebridades da companhia que, segundo a opinião da imprensa e de toda a gente, traz no seu conjunto numeros admiraveis, alguns de absoluta novidade entre nós como o da «Cabeça sem corpo» que é verdadeiramente fenomenal.

DR. TORRES PEREIRA
CIRURGIAO DOS HOSPITAIS
Consulta das 5 ás 7 horas
Rua Ivens, 15 — Tel. C. 5266

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

AGUAS PASSADAS...

Prisão injusta de João Franco em Penamacôr

Com referencia á prisão do primeiro ministro de D. Carlos, recebemos uma interessante carta do sr. dr. Antonio Trindade, medico em Castelo Branco, de que recortamos o seguinte trecho:

«Ainda a proposito da prisão do sr. João Franco em Penamacor, permita me v. visto tratar-se de um episodio que pertence á historia da nossa politica contemporanea, que eu diga tambem da minha justiça, contribuindo pelo conhecimento directo que tenho da causa, para o seu esclarecimento.

Contra o que supõem os srs. João Franco e Alfredo Pinto não foi o administrador do concelho de Penamacor, que ao tempo era o sr. José Brioso da Fonseca Pina, cidadão respeitavel e republicano de raiz, quem ordenara a prisão daquele antigo estadista da monarquia e dos seus companheiros de viagem.

A prisão foi efectivamente levada a efeito pela guarda republicana, por denuncia do capitão reformado Vasco Homem de Figueiredo, antigo administrador franquista em Fornos de Algodres, que armara em defensor do regime, capitaneando um grupo de *indefectiveis* republicanos de fresca data, que em toda a parte julgavam ver conspirações e conspiradores.

Assim é que está certo.

O sr. João Franco e os companheiros não foram levados para administração do concelho, mas sim para o quartel da guarda republicana, onde eu e o administrador, que na prisão não tivera a menor interferencia, os fomos encontrar, conversando tranquilamente com alguns dos seus antigos correligionarios.

Lembro-me de termos manifestado a S. Ex.ª o nosso desgosto pela violencia e vexame que representava a sua prisão, feita por quem, querendo servir a Republica, apenas a comprometia, lamentando não que tivessem sido entregues á autoridade administrativa, que sem demora os poria em liberdade.

Prevendo o efeito que a prisão do ultimo presidente de ministros de D. Carlos faria em todo o país e no estrangeiro e o aborrecimento que o facto causaria no governo civil de Castelo Branco e no ministerio logo que soubessem ter sido injustificada, não me contive que não verberasse, logo ali, o procedimento da guarda republicana pela facilidade com que se puzera ás ordens de meia duzia de discolos que tantas perturbações causaram no meio pacato de Penamacor.

Por sinal que este meu gesto valeu-me ser acusado, para o Ministerio da Guerra, de ter desautorisado a guarda dentro do seu proprio quartel, com a agravante de eu ser oficial miliciano ou de reserva, como então se chamava. Em virtude da acusação, apareceu em Penamacor um oficial superior a sindicar-me em ocasião que os animos andavam exaltadissimas com a visita do bispo da Guarda.

Uma bomba lançada de noite no hotel onde estavam hospedados o sindicante e varios padres, despertou no melhor do sono aquele oficial, que abalou espavorido para não mais voltar, o que me livrou de ser castigado.

* * *

Tendo deixado o sr. João Franco preso no quartel da guarda republicana o administrador telegrafou para o governo civil participando a prisão feita pela guarda e pedindo a soltura dos presos.

Passava-se isto na tarde do dia da prisão. O governador civil estava ausente e o secretario geral não se atreveu a tomar essa responsabilidade. O tempo decorria e como a ordem de soltura não viesse, pensava-se já em preparar as camas para os presos, quando chegou o comandante da secção da guarda republicana da Covilhã, para onde o facto fora comunicado.

Este oficial procedeu imediatamente ao interrogatorio dos presos e pela 1 hora da madrugada dava-lhes a liberdade, tendo o sr. João Franco e os seus companheiros seguido logo para Alcaide.

A CRISE

AFONSO COSTA não organisará UM MINISTERIO completamente partidario

—Eu digo-lhe tudo quanto sei... mas o nome — não! Bem vê: sou democratico dos velhos e como tal não devo falar abertamente, antes da chegada do que nunca deixou de ser meu chefe politico.

O jornalista prometeu respeitar a «consigne». E o politico, que é parlamentar de elevada cotação entre a maioria democratica, abriu-se deste modo:

—O dr. Afonso Costa deve chegar na terça-feira.

—E pensa que organisará governo?

—Sem detenças.

—Um governo partidario?

—Um grupo de figuras que, pelo seu passado e pela sua inteligencia, mereçam a confiança do país.

—E porque não um ministerio totalmente democratico?

—Porque ele teria de ser recrutado entre os neo-democraticos e Afonso Costa não se inclina para essa solução. As velhas figuras do partido, com pequenas excepções, já se «queimaram» no fogo ingrato dos governos anteriores.

—Mas ha neo-democraticos com qualidades de caracter e de competencia...

—De acordo. Mas o dr. Afonso Costa, afastado ha muito tempo da politica do partido, não os conhece suficientemente para sobre eles poder incidir a sua escolha... De resto, ele deve já ter o gabinete mais ou menos organisado.

—Com que homens?

O entrevistado do *Diario de Lisboa*, hesitou uns momentos e em seguida forneceu-nos a seguinte lista ministerial que damos em quadro:

Presidencia e Finanças	**AFONSO COSTA**
Interior	**JOÃO CHAGAS**
Estrangeiros	**BERNARDINO MACHADO**
Justiça	**ALMEIDA RIBEIRO**
Guerra	**BARROS QUEIROZ**
Fomento	**VICENTE FERREIRA**
Instrucção	**DUARTE LEITE**
Marinha	**AFONSO DE CERQUEIRA**
Colonias	**RODRIGUES GASPAR**

—Dois nacionalistas no elenco...

—Sim. Dois nacionalistas.

—E as pastas da Agricultura e Trabalho?

—Dar-lhes-ha Afonso Costa o golpe de morte já tão anunciado. Agricultura, Comercio e Trabalho, ficarão reunidas sob esta designação unica: Fomento Nacional.

—A vingar a organização ministerial que me apresenta, teremos um gabinete com muitos financeiros...

—Quatro, pelo menos: Afonso Costa, Barros Queiroz, Vicente Ferreira e Duarte Leite.

E por aqui se ficou o deputado democratico.

* * *

Quando regressavamos ao jornal, depois de colhidos estes preciosos informes, encontrámos um deputado nacionalista até á medula. Disse-nos isto:

—A vinda de Afonso Costa, autentica e valiosa figura da Republica, nesta ocasião, só pode ser util se presidir a um governo do partido democratico que é o partido de maior representação parlamentar e, por isso, com direito a governar desde que se julgue habilitado a resolver os problemas economico e financeiro.

Assim, está certo. Mas para organisar governo doutra natureza, seria o mesmo que, oficialmente, considerar o partido nacionalista um partido absolutamente inutil. E isso seria uma grande injustiça.

E' preciso não esquecer que o partido a que pertenço possue das melhores figuras da Republica.

Se ao contrario, porém, este partido já no poder tivesse demonstrado a sua improficuidade perante os problemas mais urgentes, então, sim, talvez tivesse cabimento a organisação de um Ministerio Nacional, presidido pelo ilustre chefe democratico.

* * *

Cêrca das 18 horas foi recebido na presidencia da Republica um telegrama do dr. Afonso Costa, no qual o ilustre estadista comunica aceitar o encargo de organisar governo, contando chegar a Lisboa na proxima terça feira.

COURAÇA

Esta pasta dentifrica obteve a MEDALHA DE OURO na exposição do RIO DE JANEIRO

O MAGNO PROBLEMA

Acabou o pão de dez tostões nas padarias

O *Diario de Lisboa*, versando as questões de interesse publico, procura sempre ser justo, apenas, dando guarida a quantos elementos serios de prova surjam a esclarecer sem verrina os assuntos sobre os quais se pretende fazer luz. Assim, tratando do problema do pão, ouviu o sr. ministro da Agricultura, por intermedio do seu chefe de gabinete, e ouviu os padeiros independentes, e ouviu os representantes daquela casa americana que se propõe fornecer farinha mais barata, e... tentou ouvir hoje um dos directores da Companhia Portugal e Colonias.

Foi um continuo anunciar o jornalista; o jornalista aguardou durante um quarto de hora que o recebessem, e quando já estava disposto a desistir, convencido como nunca de que, se o pão é ouro o tempo tambem o é, surgiu-lhe o sr. Ermete Pires no gabinete em que, á força de esperar, já o sono começava a fazer-lhe entorpecimento.

—E' entrevista que deseja?

Não dissemos que sim nem que não, porque não houve tempo. O nosso subitaneo interlocutor, supoz que tinhamos dito que sim e excusou-se d'est'arte á imaginaria solicitação:

—Não! Não! Resolvemos não dar entrevistas!

Tivemos a impressão de que o sr. Ermete Pires se havia convencido de que as entrevistas são moeda corrente e de que nós iamos pedir que nos desse alguma coisa. E como quer que nos lembrássemos de que já tinhamos almoçado, deu-nos a lembrança a energia precisa para observar:

—Queremos apenas uma informação de interesse publico sobre o novo tipo de pão que se vende a 1$40!

—Então os senhores ouviram as pessoas que entenderam, e só agora é que vêm ouvir-nos a nós sobre o assunto?

Iamos dizer-lhe que o *Diario de Lisboa* ouve quem lhe apraz e procede como entende, sem se atêr a outras conveniencias que não sejam as do país, mas o sr. Ermete, com aquele costume de não aguardar que lhe respondam, continuou a fazer preguntas a si mesmo:

—O que deseja saber então? Porque não vieram procurar-nos em primeiro lugar para nós lhes dizermos o que havia?

—Quando v. ex.ª der licença que eu fale...

Pudemos falar alfim. E, de resto, era bem pouco o que queriamos. Saber os motivos porque desappareceu das padarias o pão de 1$00 e veiu em sua substituição um outro que custe a 1$40 cada quilo, e dizer ao director da Portugal e Colonias que eramos maiores e vacinados.

Demos conta do recado. Acrescentámos, á laia de explicação, que a ordem dos factores era arbitraria; e ele com cara de zangado:

—Bem sei. Cite no seu jornal as padarias onde não houver pão de 1$400.

—Mas... são todas! Se nós temos andado todo o santo dia nessa peregrinação, e ainda não encontrámos pão de 1$400 nem para as sôpas de um gato!...

—Então...

—Então... passe v. ex.ª muito bem!

Ministro da Agricultura

O antigo ministro da Agricultura parte ámanhã de manhã para a sua casa em Ferreira de Zezere.

Ordem do Exercito

Veve ser distribuida depois de ámanhã a «Ordem do Exercito» n.º 19 da 2.ª série, referente a 31 de Outubro.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432 — Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»